

O RESSONANTE: CRUZAMENTOS ENTRE ESTUDOS CULTURAIS E RETÓRICA

Rui Alexandre Grácio

Universidade de Aveiro

Departamento de Línguas e Culturas (DLC)

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC)

1. OS ESTUDOS CULTURAIS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO E CRUZAMENTOS ENTRE ESTUDOS CULTURAIS E RETÓRICA

Uma vez que um dos objetivos deste I Congresso da Rede Nacional em Estudos Culturais, subordinado ao tema *Cartografias, Desafios e Possibilidades*, é justamente o conhecer e colocar em diálogo diferentes entidades de investigação nacionais na área dos Estudos Culturais, irei, num primeiro momento, aproveitar para caracterizar, em traços gerais, o modo como, na Universidade de Aveiro e, mais particularmente, no Departamento de Línguas e Culturas e no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, são trabalhados os Estudos Culturais; num segundo momento irei procurar fazer uma síntese sobre a forma como é encarado o modo de operar característico dos estudos culturais e, dando-lhe um cunho mais pessoal, explicarei em que medida julgo ser fecundo proceder a uma articulação entre Estudos Culturais e Retórica.

Nos Estudos Culturais na Universidade de Aveiro há duas vertentes a destacar: por um lado, Programa Doutoral em Estudos Culturais (PDEC-UA) e por outro a linha de investigação Grupo Entre Culturas – Hermenêuticas Culturais.

1.1. O Programa Doutoral em Estudos Culturais

Quanto ao Programa Doutoral em Estudos Culturais, ele assume como suas linhas de orientação os seguintes aspetos:

- privilegia um olhar teórico ancorado na contemporaneidade;
- pratica modelos de investigação abertos e metadisciplinares (não só porque não se considera que os EC tenham qualquer pretensão de auto-

fundamentação mas, também, porque se concebe a teoria como uma ferramenta ao serviço de posicionalidades ligadas a práticas sociais concretas);

- valoriza a complexidade, encarando a cultura como um campo gravitacional;
- promove a articulação entre as práticas de investigação, a produção de conhecimento e a vida civicamente comprometida;
- pratica um exercício de atenção crítica permanente à repercussão política dos processos dinâmicos de naturalização de valores, conceitos, noções e modos de pensar;
- mantém uma estreita articulação entre produção teórica e modos de vida, procurando praticar a dupla ruptura epistemológica.

E estes são, em traços esquemáticos, alguns dos vetores que orientam o Programa Doutoral em Estudos Culturais.

1.2. A linha de investigação Grupo Entre Culturas

Quanto à linha de investigação Grupo Entre Culturas – Hermenêuticas Culturais, pode dizer-se que nele se aborda a cultura de uma forma dinâmica, multidimensional e interativa, elegendo-se como temáticas de destaque — espelhadas, aliás nos três projetos em curso nesta linha de investigação — as questões de Globalização e (pós)-Identidades, as questões de Políticas de Cultura, as Indústrias da Cultura e o Ócio e, finalmente, as problemáticas de Género e Performance.

Queria ainda referir que o esforço que tem vindo a ser feito — no qual quero destacar o contributo da Professora Maria Manuel Baptista — vai no sentido de dar não só uma maior coesão à investigação no âmbito dos Estudos Culturais a nível nacional, como, também, no sentido do intercâmbio internacional. Desse esforço resultou na criação de algumas redes importantes. Assim, para além da RNEC - Rede Nacional de Estudos Culturais e da RIEC - Rede Internacional em Estudos Culturais, foram também ativadas outras redes de investigação em Estudos Culturais, nomeadamente a COLLUM – International Network for Doctoral Training in Post-colonial Studies e a OTIUM – Associação Ibero-Americana de Estudos de Ócio.

No que diz respeito a concretizações, procurarei dar a conhecer algumas das práticas dos Estudos Culturais na Universidade de Aveiro recorrendo às

atividades de dois núcleos em que estou inserido (ainda que, de forma oficial, muito recentemente): o Grupo sobre Género e Performance (GECE) e o Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio (NECO). Para isso destacarei algumas das atividades mencionadas no relatório do passado ano civil (2021).

Antes de passar às atividades, queria caracterizar sucintamente as coordenadas dos dois núcleos anteriormente referidos: o GECE e o NECO.

No que diz respeito ao Grupo sobre Género e Performance (GECE), no texto da sua descrição e apresentação, lê-se o seguinte:

O projeto procurará partir dos usos do corpo feminino em diversos contextos geográficos, sociais, culturais, económicos, políticos, profissionais, raciais, de género e de idade. Partindo do registo visual e/ou descritivo das performances destes corpos (quer nos seus quotidianos profissionais, quer em momentos de festa, ritual, lazer ou criatividade), que serão registados quer em vídeo, quer em fotografia, serão problematizadas e interrogadas as articulações entre a performatividade destes corpos no que ela pode revelar de bio-poder, seja na expressão de resistência, opressão e/ou liberdade criativa.¹

Já no que diz respeito ao Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio, ele elege o tema do Ócio nas sociedades contemporâneas como foco, apresentando articulações e cruzamentos não só com a temática do núcleo anteriormente referido, como abrindo também para questões tão diversas como as do trabalho na era do capitalismo avançado, das políticas públicas de cultura, da territorialidade, dos espaços, do desporto e tantas outras.

Assim, e de modo a que se possa ter uma ideia mais concreta das atividades desenvolvidas por estes dois grupos — e, por conseguinte, de iniciativas realizadas no âmbito dos Estudos Culturais na Universidade de Aveiro — passarei a mencionar algumas.

Começo por destacar um trabalho que me parece muito relevante, iniciado em 2018 e que se vai ser concluído este ano (2022): trata-se de uma coleção intitulada “Género e Performance – Textos Essenciais”. Consiste na publicação de cinco volumes onde são traduzidos para o português um conjunto alargado de textos selecionados e considerados como fazendo parte literatura fundamental desta temática. A sua disponibilização gratuita e a possibilidade destes textos serem acedidos em língua portuguesa é sem dúvida um contributo importante, tendo sido as traduções integralmente realizadas

¹ <https://www.ua.pt/pt/cllc/page/23268>

por elementos ligados aos referidos grupos de investigação, o que significa também desafios de crescimento dos seus intervenientes.

Em maio de 2021 realizou-se também o I Congresso da Rede Internacional dos Estudos Culturais, subordinado ao tema *Cartografias e perspetivas de futuro*, o qual contou com a participação de dez universidades espalhadas por cinco países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal. Teve como objetivos o mapeamento da apropriação dos Estudos Culturais em cada uma das instituições participantes, a promoção do diálogo, a troca de pontos de vista e o fomento do diálogo entre diferentes perspetivas e focos de investigação.

Ainda dentro das atividades realizadas pelo GECE e pelo NECO, destacam-se também três iniciativas que, de alguma maneira, são demonstrativas da forma como é valorizada a dimensão criativa e performativa no seu cruzamento com os processos de investigação: refiro-me à Mostra Fotográfica e Documentário “Quando Corpos, Quando Pandemia”, ao 2º Festival Géneros e Performances e ao trabalho intitulado Magenta - Mapeamento das desigualdades de género no trabalho doméstico durante o COVID-19 em Portugal.

No que diz respeito à primeira iniciativa, tratou-se um projeto financiado pela FCT e resultou do diálogo entre diferentes grupos de estudo e pesquisa portugueses e brasileiros sobre as temáticas do ócio, lazer, género, performance e espaço urbano e teve como objetivo analisar representações sobre os corpos e as suas performances no espaço urbano antes e durante a pandemia de Covid-19, contando para isso com registos fotográficos e vídeo realizados pelos participantes. Teve como resultados finais uma mostra fotográfica e a produção de um documentário em formato vídeo, predominando a temática das relações de forças que atravessam os corpos, os processos de violência e de resistência e as reconfigurações da sociabilidade em período pandémico. Aproveitou-se, assim, para evidenciar a centralidade que a temática da materialidade corporal pode assumir na perspetiva dos Estudos Culturais, bem como constatar a fluidez da noção de normal e das narrativas de normalização.

No que diz respeito ao 2º Festival Géneros e Performances, com ele pretendeu-se construir, coletivamente, um espaço para as possibilidades da criação artística como lugar de pensamento e ação, de resistências e insurreições estéticas e políticas, de modos de expressão que desafiem o conhecimento estabelecido e as suas normatividades. Tal foi ocasião para perceber a importância do performativo não só enquanto lugar de crítica em ação, mas também enquanto desafio que se coloca em processos de emancipação e empoderamento.

No que diz respeito à terceira iniciativa, tratou-se de um projeto de investigação de cariz quantitativo com o objetivo produzir, analisar, sistematizar e divulgar dados estatísticos sobre o impacto da COVID-19 nos trabalhadores domésticos em Portugal, pondo-se a tónica na questão das desigualdades de género no trabalho doméstico, ainda que o inquérito elaborado tivesse sido mais abrangente.

Ainda em outubro de 2021 realizou-se um seminário intitulado “O Estado Novo em Portugal: Um olhar a partir dos Estudos Culturais” que teve como objetivo refletir sobre o Estado Novo português à luz de uma perspetiva interdisciplinar e em foram convocadas disciplinas como artes, filosofia, história, sociologia, e outras, pondo-se a tónica no viés político.

Durante 2021 desenvolveu-se ainda o projeto “Género em Jogo”, que teve como objetivo a construção de um jogo de tabuleiro colaborativo e educativo, voltado para o público maior de 12 anos, inicialmente em quatro países, Portugal, Brasil, Angola e Moçambique, mas com a intenção de ser expandido para outros lugares. A ideia foi a tratar de questões relativas ao género, desde a violência doméstica às questões dos direitos das populações LGBTQIA+, passando pelos modos como essas questões atingem os adolescentes, jovens, pessoas idosas, emigrantes e refugiados, tendo sempre em conta a racialização e a colonialidade.

Atendendo a que no âmbito dos Estudos Culturais, mais do que produzir teoria, é preciso saber respirá-la, apropriá-la e destilá-la em práticas criativas, deixando operar o seu efeito de ressonância, não é de estranhar que as atividades desenvolvidas fossem paralelas ao estudo de um pensamento que simultaneamente estimula e desafia os Estudos Culturais: falo de Gilles Deleuze, cujo pensamento — e mais especificamente, a obra *Diferença e Repetição* — foi objeto de análise pelo Grupo de Estudos sobre Gilles Deleuze, composto pelos membros do GECE e do NECO, na maioria doutorandos no PDEC. Tratou-se, assim, de contribuir para a formação dos membros dos referidos núcleos, proporcionando-lhes mais conhecimentos teóricos e epistemológicos para a elaboração de suas investigações.

Neste contexto de polinização dos saberes, dos conceitos e de modos de pensar foi também organizado o Seminário Internacional sobre Gilles Deleuze. Decorreu em setembro de 2021, teve um convidado internacional (Doutor Marek Wojtaszek) e permitiu explorar uma outra obra — talvez das mais importantes de Deleuze e Guatari — *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*.

Outra vertente relevante para o grupo de Estudos Culturais da Universidade de Aveiro é a das metodologias e dos recursos que facilitam a investigação e a produção da escrita académica. Nesse sentido foram realizados em 2021 dois *workshops*, um sobre Metodologia de Investigação Qualitativa e outro dedicado ao uso do software Mendeley. De referir que, durante o processo de formação dos doutorandos já tinha havido contacto com as metodologias etnográficas (que privilegiam aspetos vivenciais e que podem implicar, entre outros, a realização e o tratamento de entrevistas), as metodologias textuais (nomeadamente aplicadas a narrativas de vida), as abordagens retórico-argumentativas dos discursos e também os estudos de receção.

Para finalizar, refira-se que o desenvolvimento de todo este trabalho implicou reuniões periódicas que, para além da estruturação e desenvolvimento dos projetos, permitiram também fazer pontos da situação das teses de doutoramento em curso. Neste contexto, foram também incentivadas as participações em diversos eventos e foi estabelecido um mecanismo de apoio à tradução de textos para publicações internacionais.

E é este o resumo das atividades desenvolvidas, atividades através das quais se podem vislumbrar linhas de orientação teórica e aplicações práticas que refletem o modo de entender os Estudos Culturais na Universidade de Aveiro.

Passarei agora ao segundo momento, onde procurarei não apenas elaborar em termos mais teóricos o modo de funcionar dos Estudos Culturais como, também, propor uma aproximação — que a mim me interessa particularmente — entre Estudos Culturais e Retórica.

2. DES-HOMOGENEIZAÇÃO DE CONCEITO DE RETÓRICA

Se é mais ou menos familiar para o senso comum a ideia de que a retórica faz parte da cultura, já mais estranho pode parecer a afirmação de que as dinâmicas retóricas estão no cerne das configurações culturais e do seu dinamismo. Todavia, entre elas há uma permanente relação de duplo sentido e é por isso que Estudos Culturais e Retórica necessariamente se cruzam e fecundam reciprocamente.

Antes de explicitar esta ideia, gostaria de começar por des-homogeneizar a noção de retórica e, sobretudo, libertá-la da sua visão reducionista como eloquência monológica. Se há uma tradição que a liga à oratória, à arte de bem falar e de comunicar de uma forma persuasiva — centrando-a, portanto, na

noção de discurso e na sua instrumentalidade² — há também quem tematize a retórica enfatizando outros aspetos, nomeadamente a dimensão de sociabilidade, a vertente comunitária e as suas implicações filosóficas.

Exemplos dessa forma aprofundada de conceber a retórica estão presentes em vários autores. Assim, começando por dar um primeiro exemplo, podemos considerar a proposta que James Crosswhite faz de uma retórica profunda, uma “deep rhetoric” que, nas suas palavras,

não é uma disciplina. Em vez disso, a retórica profunda é, de certa forma, metadisciplinar, mas, além disso, é uma maneira de entender não apenas toda linguagem e atividade simbólica, mas também toda comunicação. Para uma retórica profunda, “comunicação” não é simplesmente enviar e receber uma mensagem já compreendida. (2013, p. 106).

Esta mesma ideia sobre a comunicação é salientada pelo sociólogo Louis Quéré (1992, p. 30) quando afirma que “não há mensagem sem metamensagem; ou, mais simplesmente ainda, assim que dizemos alguma coisa, dizemos também algo sobre aquilo que dizemos, para definir o seu modo de emprego ou o seu sentido”. E continua: “Para comunicar, sobrepomos um enunciado com conteúdo proposicional, que relata uma observação ou uma experiência (função de representação de fatos), e um enunciado que define a relação interpessoal em que o significado do primeiro pode ser compreendido e aceite”. Dito de outra maneira, a metamensagem não é de ordem linguística e faz emergir uma negociação na troca social acionando uma reflexividade de segundo nível (cf. Mounier, 2018).

Também o filósofo Michel Meyer, concordando com a tradicional relevância da tríade *ethos-pathos-logos*, propõe uma definição alargada da retórica, que vai para além de uma concepção disciplinar, como “o encontro dos homens e da linguagem na exposição das suas diferenças e das suas identidades” ou, noutra formulação do mesmo autor, a retórica é “a negociação das distâncias entre os homens a propósito de uma questão ou problema” (Meyer, 1998, pp. 26-27).

Por seu lado, Hans-Georg Gadamer (1982) considerou a retórica como a forma universal da comunicação humana, afirmando que há uma retoricidade

² E, da redução da retórica ao seu carácter instrumental (redução que desconsidera a amplitude da experiência da retoricidade da linguagem humana) até à sua diabolização, vai um pequeno passo, um passo fundador que, ao mesmo tempo que desqualifica a retórica, procura instaurar um regime de verdade.

dade que atravessa a linguagem e Martin Heidegger (2005, p. 193) tinha já sublinhado que: “ao contrário da orientação tradicional do conceito de retórica como uma espécie de ‘disciplina’, ela deve ser apreendida como a primeira hermenêutica sistemática da convivência quotidiana com os outros”.

Retomando estas ideias, diria que um denominador comum persistente da retórica é o da sociabilidade, da coexistência humana, encarada para além dos agenciamentos disciplinares e tal como é articulada num agir comunicacional perpassado pela dimensão simbólica e pelos seus efeitos. Aliás, colocando a tónica na importância do simbólico e na ideia de “consustanciação”³, Kenneth Burke definiu justamente a retórica como “o uso da linguagem como um meio simbólico de induzir a cooperação em seres que por natureza respondem a símbolos” (Burke, 1969, p. 41). Por seu turno, enfatizando também o que poderíamos designar a condição civil da retórica, Aristóteles fez notar que

a retórica é a outra face da dialéctica; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao *conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular*. De facto, *todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra*, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar. (Aristóteles, 2005, p. 89. Itálico meu)

Temos assim, um primeiro ponto de cruzamento entre Estudos Culturais e a Retórica: a metadisciplinaridade.

3. PARA UMA COMPREENSÃO RETÓRICA DOS CONCEITOS E DOS DISCURSOS

Se os Estudos Culturais e a Retórica se constituíram, ambos, como campos académicos, eles remetem, contudo, para fenómenos basilares da experiência humana, fenómenos que têm a sua potência no poder imaginativo de configurar, de representar, de se relacionar com os outros e de experienciar a contingência do mundo. E, quando falo em “experienciar”, sigo a sugestão da

³ Sobre a ideia de consustancialidade em K. Burke, escreve Ryan: «Todos estes símbolos são em certa medida ideias abstratas mas, contudo, têm um poder para mover corpos de forma tão real como o ar ou a água, e devem ser compreendidos como sendo igualmente substanciais. Ao identificarmos-nos com estas coisas, tornamo-nos *consustanciais* com elas — partilhamos da mesma substância. (...) ao identificarmos-nos com estes símbolos, tornamo-nos consustanciais com outras pessoas que que fizeram a mesma identificação» (Ryan, 2010, pp. 59-60). Sendo assim, a consustanciação promove a comunidade e gera efeitos grupais de «normalidade».

noção heideggeriana de experiência, a qual, para além de toda a tentativa de controlo, enfatiza a dimensão radical da nossa exposição à experiência, ou seja, vê-a enquanto situação-limite. Assim, escreve o filósofo:

fazer uma experiência, seja de uma coisa, de um homem, de um Deus, significa que algo nos acontece, nos atinge, nos sobrevém, nos derruba e nos transforma. Falar em ‘fazer’ não significa, nesta acepção, em rigor, que sejamos nós os operadores da experiência; ‘fazer’ significa aqui, como na locução ‘ficar doente’, passar por, sofrer de ponta a ponta, suportar, receber o que nos atinge, submetendo-nos. (1976, p. 143)

Por outro lado, tanto nos Estudos Culturais como na retórica está presente a função ordenadora dos conceitos e dos discursos. Ora, se os conceitos e os discursos são construções culturais, compreender o seu carácter retórico é também perceber como funciona, para dar um exemplo relevante, a artilharia persuasiva da retórica da ciência, os modos de construir a objetividade, os caminhos da construção argumentativa das demonstrações.

Além disso, a consciência do carácter retórico dos conceitos e dos discursos permite ainda compreendê-los como personagens móveis e dinâmicos, expostos às lei do tempo, da historicidade e da sociabilidade. E se o conceito é correlato de uma definição, a sua perspetivação em termos retóricos conduz-nos a pensar as definições como criações conjunturais, não só afastando-nos de visões ontológicas essencialistas, como obrigando-nos a historicizar as suas pretensões de universalidade, como aliás, o procurou fazer Perelman através da noção de “auditório universal” que, em termos de Estudos Culturais não andarão longe da ideia do carácter hegemónico de certas formações discursivas. Deste modo, como salientou Michael Ryan,

a força da retórica como ferramenta crítica não está na sua utilidade metodológica para estabelecer um sentido estável do que *é*, mas, antes, na sua adaptabilidade para mudar condições sociais e o seu valor de uso prático como um instrumento para colocar em ação as forças que determinam o que *deve ser* e o que *pode ser*. (2010, p. 58).

Ou seja, o criticismo retórico desenrola-se no horizonte de um preferível que tenta moldar um possível. Ora a dimensão de compromisso dos Estudos Culturais partilha também esta ideia de um questionar e de um desconstruir para transformar algo que *é* visto como indesejável, opressivo ou injusto.

O cuidado em evitar abordagens idealistas e mentalistas levou a que, quer os Estudos Culturais, quer a Retórica, acabem por privilegiar práticas humanas

efémeras, contingentes, enraizadas, corporificadas e situadas, no que parece ser outro ponto de convergência entre ambas. A atenção da retórica ao particular, ao situacional e ao episódico, por exemplo, parece ser um importante pano de fundo para uma compreensão dinâmica da cultura, permitindo articular o concreto, o situado e o social — incarnado por corpos e ações, pela materialidade de vidas que se relacionam (o que vai muito para além do modelo textual) — com as dinâmicas da criação cultural. Poderíamos dizer, como sugerem Meyer & Girke (2011) que se há uma emergência cultural da retórica, também há uma emergência retórica da cultura, um poder da retórica na transformação das dinâmicas culturais.

4. DO DIALOGISMO DA LINGUAGEM AO AGONISMO RETÓRICO

Uma das noções associadas à retórica é a de “dialogismo” da linguagem e, nela, a importância da interação social através do diálogo, salientando-se aí a presença de uma inescapável contingência que faz com que o todo seja sempre algo mais do que a soma das partes e permitindo assinalar elementos de criatividade e de transformação. Ou seja, as próprias interações sociais são constitutivas dos acontecimentos e o que nelas acontece nunca pode ser totalmente antecipado. O acolhimento que a retórica faz da contingência — e aqui a ideia de *kairos* é muito representativa da importância do performativo — converge na situação básica da condição humana se situar entre o saber e o não saber e, também, entre o que controla e o que não controla. Nesse espaço “entre”, as pessoas procuram fazer sentido da experiência da contingência e a palavra-chave aqui é “persuasão”. Tentam interpretar, selecionando entre as variadas possibilidades de interpretação, escolhendo aquela que lhes parece mais plausível. Do mesmo modo, põem em ação mecanismos de confiabilidade de modo a reduzirem complexidades para as quais não têm meios de lidar de uma forma filigranada. Aristóteles, aliás, não deixou de assinalar essa condição da formação da compreensão e do juízo na modalidade do “grosso modo”⁴, ou, para utilizar uma gíria coloquial, a “olhómetro”. Não foi, aliás,

⁴ Escreve Aristóteles: «damo-nos, portanto, por satisfeitos se, ao tratarmos destes assuntos, a partir de pressupostos que admitem margem de erro, indicarmos a verdade grosso modo, segundo a sua caracterização apenas nos traços essenciais. Pois, para o que acontece o mais das vezes, com pressupostos compreendidos apenas grosso modo e segundo a sua caracterização nos traços essenciais, basta que as conclusões a que chegamos tenham o mesmo grau de rigor. Do mesmo modo, é preciso pedir que cada uma das coisas tratadas seja aceite a partir dessa mesma base de entendimento.

por outra razão que Marc Argenot (2018) designou a retórica como uma “ciência do mais ou menos” ou que Eugène Dupréel e, na sua senda, Chaïm Perelman, valorizou a importância polarizadora das noções vagas e difusas.

Da mesma forma que os argumentos são emergentes das interações — fazemo-los surgir à medida que vamos indo — a cultura também é emergente: ela está sempre para além de estruturalismos funcionais ou de outros determinismos.

Uma tal visão emergencial tem a virtude de nos colocar na posição de uma certa suspeição relativamente a naturalizações da vida social. A abordagem da cultura como emergente evita racionalizações petrificadas, virando-se antes para as dinâmicas através das quais, no fluxo da vida social, se produzem, solidificam e vigoram certas constelações. O que aqui importa assinalar é a importância e o papel que o confronto com a incerteza e a contingência desempenham, o que obriga a perceber o artificialismo da separação entre agência e estrutura e nos conduz a uma relação de reciprocidade e mútua imbricação entre cultura retoricamente emergente e retórica culturalmente emergente.

A interação, enquanto lugar de emergência onde a incerteza e a contingência estão presentes, não é redutível a qualquer tipo de abordagem funcionalista de tipo mecanicista (cf. Goodwin, 2009). A abordagem emergencial da cultura foca-se nas potencialidades geradoras das interações situadas, consideradas como húmus daquilo que poderá vir a assumir a face de instituições, convenções, hábitos ou sedimentações da memória. Poderíamos também dizer que uma visão emergencial da cultura valoriza sobretudo o performativo e o interacional de onde não estão ausentes as relações de poder, a tentativa de alguém impor os seus padrões e a sua vontade sobre outrem (um aspeto caro à retórica). E, quando falamos em performance e interação, falamos de atividade corporal multidimensional, mobilização da energia e do interesse, enfim, o cruzamento de toda uma atividade material com a dimensão simbólica.

Contudo, se a retórica pode ser tematizada pelo dialogismo, importa contudo referir que o dialogismo não permite evidenciar da melhor forma a conflitualidade e o desenvolvimento interativo dos confrontos retórico-argumentativos. Com efeito, o conceito de diálogo parece insuficiente ou algo

É que é próprio daquele que passou por um processo de educação requerer para cada caso particular de investigação apenas tanto rigor quanto a natureza do tratamento do tema admitir. Na verdade, parece um erro equivalente aceitar conclusões aproximadas a um matemático e exigir demonstrações a um orador». (Aristóteles, 2009, 1094b).

inofensivo para exprimir também o caráter agónico dos conflitos, as relações de poder aí envolvidas, a luta que neles se trava. Diria mesmo que, considerando a sua dimensão agónica, podemos ver as situações retórico-argumentativas em termos de micropoderes, como um aferidor prático da omnipresença das relações de poder, mesmo nas interações aparentemente mais banais. No seu livro *O que falar quer dizer*, Pierre Bourdieu faz notar que

a competência suficiente para produzir frases susceptíveis de serem compreendidas pode ser insuficiente para produzir frases susceptíveis de serem escutadas, frases próprias para serem reconhecidas como recebíveis em todas as situações em que falar acontece. (...) Os locutores desprovidos da competência legítima vêem-se excluídos, de facto, dos universos sociais em que ela é exigida, ou condenados ao silêncio”. Defende ainda o autor que o valor do discurso depende “da capacidade que têm os diferentes agentes envolvidos na troca de impor os critérios de apreciação mais favoráveis aos seus produtos” sendo que é essa capacidade que determina “a lei de formação dos preços que se impõe a um intercâmbio particular. (Bourdieu, 1982, p. 54)

As trocas verbais desenrolam-se, assim, num espaço em que se joga a possibilidade da iniciativa discursiva, a possibilidade de se fazer ouvir e, de uma forma mais profunda, de ser reconhecido através da atenção que se é capaz de granjear. Não será por acaso que a tradição retórica realçou a importância da saudação e da *captatio benevolentiae* para o estabelecimento de uma relação favorável à receção do discurso.

Ora, se esta dimensão de luta de poder está muitas vezes ausente na noção de diálogo isso não acontece com a ideia de retórica, que tanto pode ser uma vista como uma retórica branca (ou seja, que coloca as questões na mesa) como pode ser encarada como uma retórica negra (que as varre para debaixo do tapete, procurando manipular), mas, em qualquer dos casos, coloca a ação discursiva sob o signo da influência e de uma certa condutividade, pois vê o outro como maleável e susceptível de ser influenciado pelo que poderíamos designar pelo poder suave, o *soft power*, da persuasão. Com efeito, a suposta coalescência dialógica pode transformar-se numa colisão retórica e as fronteiras entre o cooperativo e o competitivo são também muito fluidas. Além do mais, é bom não esquecer que o intersubjetivo — plano por excelência da relação dialógica — não faz desaparecer o subjetivo, o situacional e os seus constrangimentos. Na retórica há sempre uma relação tripolar entre pelo menos duas subjetivi-

dades e uma intersubjetividade (constituída, esta, para além de pré-construídos culturais partilhados, pelo próprio pecúlio histórico derivado das interações entre sujeitos).

Por outro lado, poderemos dizer que embora a comunicação possa ser trabalhada no sentido da inequivocidade, a comunicação humana informal é atravessada por inúmeros elementos nublosos que pairam sem se especificar ou explicitar. Desta nublosa fazem não apenas parte as noções vagas e difusas (no sentido de não especificadas, mas, apesar disso, com um forte poder polarizador ou mobilizador, como por exemplo as ideias de liberdade ou de justiça) — muito valorizadas do ponto de vista da nova retórica — mas também elementos que estão para além do verbal ou do imediatamente proposicionável. Aliás, como nota James Crosswhite (2019), a própria ideia de debate norteia-se por um “ideal fluido” e Loïc Nicolas (2018, pp. 41-56.) salienta que a retórica, ao lidar com o “difuso” (em francês “flou”), dimensiona-se entre a aceitação da precariedade do sentido e o sentido do compromisso num mundo impreciso.

5. A IMPORTÂNCIA DA NOÇÕES VAGAS E DIFUSAS: O RESSONANTE

As noções vagas e difusas levam-nos, entre outras, às questões da distância entre consciente e inconsciente, entre o imediato da ação e o mediato do pensamento, entre o espontâneo e o refletido e também à temática dos mecanismos ideológicos. Com efeito, é esta zona do prévio e da relação entre o prévio e o atual que fica em questão quando consideramos o vago e o difuso. E, na realidade, tal como acontece só bastante à frente ficarmos a perceber os contornos daquilo que ficou a ressoar em nós, também aquilo que consideramos como “normal” resulta de um efeito de distância que homogeneiza através eficazes sincretismos simbólicos mais ou menos vagos e difusos.

Nesta linha de raciocínio — que, aliás, define um movimento e uma articulação fundamental na retórica e na argumentação — vale a pena salientar que o par implícito-explicito funciona frequentemente como um operador heurístico nos estudos culturais. É ele que nos permite distinguir entre valores de entrada subtraídos à problematização e, por conseguinte, naturalizados através das práticas, e a imposição de dimensões subjacentes que, na bela expressão que Oswald Ducrot (1991, p. 12) formula a propósito da sua temati-

zação da relação entre o dito e o não-dito, beneficiam simultaneamente, “da eficácia da palavra e da inocência do silêncio”.

Neste contexto, a noção de ressonância — e, para dar mais um exemplo, a retórica não deixa de tematizar os efeitos de ressonância, através da ideia de *inventio* e da teoria dos *topoi*, ou seja, da forma como são pensados e treinados, no seu acontecer, os agenciamentos retóricos no discurso — a noção de ressonância, dizia, parece surgir como uma das características constitutivas de uma existência humana metamorfa, exposta a influências e em busca de orientação.

Esta ideia de ressonância está também presente na forma como, no contexto da Nova Retórica, Chaïm Perelman encara a função do discurso epidíctico (cf. Nicolas, 2015), ou seja, como algo que tende a conferir força polarizadora a valores que servirão de vetores para argumentar e para agir. Assim, escreve este filósofo,

o discurso epidíctico releva normalmente do género educativo, pois ele *visa menos suscitar uma ação imediata do que criar uma disposição para a ação, esperando o momento apropriado*. Não lhe compreendemos nem a natureza nem a importância se lhe atribuímos, como finalidade, a glória do orador. Esta pode, efetivamente, resultar dum tal discurso, mas é preciso não confundir a consequência de um discurso e a sua finalidade: esta visa reforçar uma comunhão em torno de certos valores que procuramos fazer prevalecer e que deverão orientar a ação no futuro. É assim que toda a filosofia prática releva do género epidíctico”. (Perelman, 1977, p. 33. *Itálico nosso*)

Também a noção psicanalítica de “associação livre” não deixa de se relacionar com a noção de ressonância, visando, justamente, captar e encontrar caminho para o que em nós está presente (patente) como efeito ressonante de um não dito (latente).

Enfatizando a ideia de ressonância, sugeria Jean-Luc Nancy (2014, p. 17) que “talvez seja preciso que o sentido não se contente com fazer sentido (ou com ser *logos*), mas além disso ressoe”, formulando a seguinte pergunta: “Porque é que, do lado do ouvido, retraimento e pregação, ressonânciação, mas, do lado do olho, manifestação e ostensão, evidênciação?” (Nancy, 2014, p. 13).

Poderemos dizer que a ressonância toca sem que afete sob a forma da evidência ou do imediatamente percebido nos seus efeitos; em termos de comunicação podemos dizer que ela remete para uma sensibilidade empática (e falamos muitas vezes em sintonia ou na falta dela, do soar bem e do soar mal)

que faz com que procuremos espontaneamente coordenar a comunicação sem sermos explícitos acerca dela.

Em expressões que se têm vulgarizado, fala-se muitas vezes de gostar ou não gostar da “energia” de alguém e os brasileiros utilizam frequentemente nesse sentido a expressão “o seu santo não bate com o meu”. Estas “impressões” derivam duma afeção holística, sendo a situação de comunicação correspondente apelidada por alguns, na senda de Wittgenstein, como “fisiognomia”, tratando-se com esta palavra de combater a tendência redutora de avaliar a comunicação e os argumentos através dos padrões alexitímicos do raciocínio lógico-formal, salientando-se, ao mesmo tempo, a dimensão igualmente corpórea e afetiva das trocas dialógicas. Aliás — como bem foi constatado pela teoria retórica — a cadência da fala, a melodia, os gestos, a postura corporal, o nível da voz, a velocidade do débito verbal, etc. — são elementos comunicativos de inegável importância que, todavia, o condicionamento da linearidade textual de um pensamento logocêntrico, estruturada pela escrita, pôde impor.

Poderíamos também dizer que há uma energia própria da comunicação manifesta no próprio investimento que é nela colocada. É interessante lembrar que uma das condições assinaladas por Pamela Benoit (1992, p. 179) para que possamos reconhecer um episódio de argumentação é a de que a exploração da oposição entre os argumentadores mereça o investimento da sua energia, ou seja, de que *vale a pena* continuar.

Também Marc Argenot (2008, p. 137) assinala essa ideia quando afirma “é preciso que o debate valha a pena, que a conclusão, caso se chegue a encontrar uma, seja fecunda e útil, uma vez que se o assunto, seja ele qual for, se revelar como trivial e sem interesse, não é razoável dispensar-lhe energia”. Ou seja, os autores falam de um investimento energético como condição do argumentar e seria interessante averiguar — não sendo possível fazê-lo aqui — como é que esse apego se repercute no desenvolvimento das próprias interações. A estes exemplos podemos acrescentar que também James Crosswhite fala de energia, referindo que, em contexto de episódio de argumentação, é importante haver “energia para a imaginação perante mal-entendidos e impasses (2019, p. 61).

Vale a pena também lembrar, finalmente, que André Robinet, na recensão que fez ao livro de Perelman *Le Champ de l'Argumentation*, referiu-se ao domínio da argumentação como um “o campo magnético em que a argumenta-

ção capta a limalha não matemática e não experimental do espírito”, salientando-se naturalmente aqui as palavras “magnético” “limalha”.

É ainda a ideia de ressonância que está presente quando falamos da retórica das imagens e dos argumentos visuais. Com efeito, segundo Anthony Blair (2004, p. 51), “a vantagem dos argumentos visuais sobre os argumentos impressos ou falados repousa no seu poder evocativo”.

Finalmente, e até para se ultrapassarem as abordagens da ideologia em termos redutoramente determinísticos, o conceito de ressonância apresenta boas potencialidades heurísticas, aliás próximas da ideia avançada Édouard Herriot, segundo a qual “Cultura é o que fica depois de se esquecer tudo o que foi aprendido”, frase que remete para o jogo entre o que de alguma maneira se mostra e o que de alguma maneira se esconde sem, contudo, perder a sua eficácia.

6. JUSTIÇA E IDEOLOGIA

Neste cruzamento dos Estudos Culturais e da Retórica importa também referir três pólos que habitam os seus respetivos universos conceptuais.

Assim, em ambos está presente a *noção de justiça*. Explica James Crosswhite (2013, p. 137) que “o advento mútuo da sociedade política e da retórica repousa num sentido de justiça e de vergonha e no seu uso para resolver conflitos discursivamente”. Por seu turno, os Estudos Culturais convocam a noção de justiça quando, equacionado questões das relações poder, refletem sobre as assimetrias opressivas, falam em movimentos de resistência ou refletem sobre hegemonias discursivas.

Como salientou Ryan (2010, p. 62), os Estudos Retóricos e os Estudos Culturais crescentemente se intersectam:

ambos investem em questões de poder, performance, discurso popular, textualidade e interpretação e se preocupam com o modo como as pessoas lutam por agência dentro de estruturas económicas e políticas, usando recursos simbólicos como a linguagem quotidiana e a expressão artística.

Através da centralidade destes temas somos conduzidos, em segundo lugar, a outra noção incontornável nos Estudos Culturais, a saber, o modo como operam os *mecanismos ideológicos*. Ora a retórica revela-se, também neste

aspeto, como uma poderosa via de acesso à compreensão dos modos de funcionamento das ideologias. Como esclarecedoramente escreveu James Crosswhite (2013, p. 68),

a retórica tem uma supersensibilidade ao que, do ponto de vista filosófico, pode parecer uma formação ideológica. Uma aproximação retórica da razão sabe que o raciocínio depende não apenas de uma linguagem compartilhada e de factos acordados, mas também daquilo a que chamamos valores e da participação numa comunidade particular de raciocínio, uma comunidade que partilha de certos entendimentos e finalidades.

Em terceiro lugar — no que constitui um ponto de afinidade decisivo entre Estudos Culturais e Retórica — ambos os domínios assumem que *não têm qualquer pretensão de auto-fundamentação*, o que lhe confere um cunho diferente dos saberes disciplinares e disciplinados. Ambos partilham, para retomar as palavras de Lawrence Grossberg (2010, p. 27), de uma visão dessacralizada, arriscada e crítica da teoria como “um recurso estratégico contingente”. Neste sentido, os Estudos Culturais procuram não se deixar capturar seja pela lógica do retalho e da fragmentação do pensamento especializado, seja por aprofundamentos analíticos que se distanciam do mundo da vida, mantendo no seu horizonte alargado a coexistência e o mundo social vivido.

7. O MODO DE OPERAR DOS ESTUDOS CULTURAIS E SUA AFINIDADE COM A RETÓRICA

Se e é excessivo afirmar que tudo é cultura, o mesmo não acontece quando se afirma que nada é sem pré-construídos culturais⁵ e o próprio discurso que toma a cultura como seu campo de estudo está sempre atravessado por ressonâncias culturais. Retomo esta ideia de “ressonância” porque há sempre implícitos que funcionam como algo de “natural” e, sendo prévios às práticas, não são evidentes ou articulados reflexivamente nas práticas. É por isso que penso que um dos axiomas fundamentais dos Estudos Culturais é o de que não há práticas sociais que não possam ser perspetivadas e investigadas do

⁵ Escreve Appadurai (2004, p. 26): «se *cultura*, como substantivo, parece suscitar a associação com uma qualquer substância de um modo que esconde mais do que revela, *cultural*, o adjetivo, transporta-nos para um reino de diferenças, contrastes e comparações bem mais útil».

ponto de vista dos pressupostos culturais que veiculam, dos valores que incorporam e das concepções ou visões de mundo carregam. Este movimento — entre o que funciona como um adquirido, um dado, algo que permanece inquestionado (surgindo, por conseguinte, de forma naturalizada e normalizada), para um plano em que se torna perceptível que os critérios inerentes às práticas comportam perspectivas com consequências para o modo como coexistimos e habitamos o mundo — é o que melhor traduz a dimensão crítica que caracteriza os Estudos Culturais⁶.

Note-se que, na sua teorização da argumentação na língua, Oswald Ducrot (1988, p. 14) não só realça que “falar é construir e tratar impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade”, como assinala que há formas de “dizer e não dizer”, realçando a o funcionamento do implícito:

uma (...) origem possível da necessidade do implícito diz respeito ao facto de toda a afirmação explícita se tornar, por isso mesmo, um tema de discussão possível. Tudo o que é dito pode ser contradito. (...) Como foi frequentemente sublinhado, a formulação de uma ideia é a primeira e decisiva etapa para a sua colocação em questão. É portanto importante encontrar, para toda a crença fundamental, trate-se de uma ideologia nacional ou de uma posição pessoal, caso vá ser expressa, um modo de expressão que não a exponha, que não a torne um objeto assinalável e, portanto, contestável. (Ducrot, 1991, p. 6)

Mas, voltando ao plano mais amplo da cultura e dos valores, é por esse trânsito, entre o socialmente naturalizado e o problematizado culturalmente no seu valor e consequências ser inespecífico do ponto de vista temático (ele pode surgir a propósito seja de que assunto for e através de qualquer prática social), que os Estudos Culturais são metadisciplinares e capazes de articular os campos disciplinares relevantes para a elaboração teórica dos assuntos que tematizam e interrogam.

Podemos dizer que o mesmo acontece com a retórica e Geoge Lakoff e de Mark Johnson, no livro *Metaphors We Live By*, afirmam “que o nosso sistema conceptual comum, dentro do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico” (1980, p. 3), enfatizando que, mais do que ser apenas uma questão de linguagem, a metáfora é central no pensamento humano. Com efeito, as metáforas funcionam também como formas *subjacentes* a

⁶ Como acontece, aliás, com a múltiplas perspectivas que se reconhecem sob a designação de «Retórica Crítica» e que conferem centralidade às relações de poder.

modos de pensar e agir, a maior parte das vezes naturalizadas e operando como pressupostos não refletidos ou problematizados.

Outra noção relevante na articulação entre os Estudos Culturais e a Retórica é a noção de “situação retórica”. Com efeito, os casos concretos e particulares são um dos objetos preferenciais de análise dos Estudos Culturais. Ora eles não podem ser considerados fora da sua contextualização em termos de situação retórica, uma contextualização que parte das iniciativas discursivas ou das interações — ou seja, da prática — para análises em termos de modos de ver e de dar a ver, de defesa de valores e de posicionamentos. Uma situação retórica é sempre uma situação de comunicação na qual são articulados o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. A desconstrução do discurso a partir de uma análise retórica que tem em conta estes três eixos torna-se um instrumento fundamental dos percursos críticos visados pelos Estudos Culturais (por exemplo, questionar discursos hegemônicos ou com tendências hegemônicas, mas também detetar posicionamento e opções valorativas). Por outro lado, como sublinhou Lloyd Bitzer (1968), uma situação retórica pauta-se por fazer urgir o discurso, pela consciência de que se trata de um discurso endereçado a um auditório (e que precisa de ser apropriado) e constrangido por ele e, finalmente, por um conjunto de variáveis constituintes da própria situação (pessoas, acontecimentos, objetos e relações). Na articulação que faz da noção de “situação retórica”, Bitzer realça a dimensão marcadamente performativa da retórica: “ela performa alguma tarefa”, diz, e, mais precisamente, participa na situação, almejando transformá-la.

Finalmente, há que assinalar que os Estudos Culturais e a Retórica têm uma mesma posição quanto às epistemologias metódicas, a saber, consideram que as metodologias são a artilharia persuasiva da retórica da ciência, ou seja, da construção da objetividade, da construção argumentativa da demonstração.

PARA CONCLUIR

Enfim, e para concluir, vou praticamente limitar-me a citar Christian Meyer e Felix Girke (2011, p. 14), autores que trabalharam a ideia de uma emergência retórica da cultura, e que muito me inspiraram nas reflexões que aqui apresentei, e também um excerto do filósofo Richard Rorty.

Escrevem os primeiros:

a retórica, então, é um fenómeno energético e corporal, pelo menos tanto quanto semiótico e mental, é o meio, e também a manifestação, do ajuste perpétuo de nossa expressividade à ‘fisiognomia da situação dialógica’, e as nossas intenções são constantemente transformadas nesses diálogos tão enérgicos por meio dos quais o ‘mundo verbalizado se esforça para capturar uma prática não verbalizada’.

Esta abordagem retórica e problematizante das práticas sociais na sua multidimensionalidade material e simbólica parece-me assim apontar, com pertinência, para os cruzamentos e efeitos de polinização recíproca existentes entre Estudos Culturais e Retórica, alguns dias quais aqui procurei destacar

Por outro lado, e uma vez que realcei a importância da ideia de ressonância a partir do jogo entre explícito e implícito, do posto e do pressuposto, do dito e do não-dito, do claro e do vago, articulando estes pares com os processos de naturalização e normalização, concluirei com um belo excerto Richard Rorty que eu colocaria no cerne dos Estudos Culturais e dos seus gestos de desterritorialização, de descolonização e de empoderamento:

[Concordo com que] as pressuposições se tornam visíveis *como* pressuposições apenas se pudermos fazer com que as contradições dessas pressuposições pareçam plausíveis. Assim, as injustiças não podem ser percebidas como injustiças, mesmo por aqueles que as sofrem, até que alguém invente um papel anteriormente não desempenhado. É somente quando alguém tem um sonho e uma voz para descrever o sonho, que aquilo parecia ser natureza começa a parecer-se com cultura, o que parecia ser destino começa a parecer uma abominação moral. Pois, até então, apenas a linguagem do opressor está disponível, e a maioria dos opressores teve a inteligência de ensinar aos oprimidos uma linguagem na qual os oprimidos parecerão loucos — *até para eles mesmos* — se se descreverem como oprimidos. (Rorty, 1991, p. 3)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angenot, M. (2008). *Dialogues de sourds. Traité de rhétorique antilogique*. Mille et une nuits.
- Angenot, M. (2018). A retórica da argumentação como ciência do mais ou menos (pp. 87-104). In R. A. Grácio & M. Olímpio-Ferreira (Orgs.), *Contingência, incerteza e prudência: caminhos da retórica e da argumentação*. Grácio Editor.

- Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias*. Teorema.
- Aristóteles (2005). *Retórica*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Aristóteles (2009). *Ética a Nicómaco*. Quetzal.
- Benoit, P. J. (1992). Characteristics of arguing from a social actor's perspective. In W. L. Benoit & D. Hample (Eds), *Readings on argumentation*. Foris Publications.
- Bitzer, L. F. (1968). The rhetorical situation. *Philosophy and Rhetoric* 1(1), 1-14.
- Blair, A. (2004). The rhetoric of visual arguments. In C. A. Hill & M. Helmers (Eds), *Defining visual rhetorics*. Lawrence Erlbaum.
- Bourdieu, P. (1982). *O que falar quer dizer*. Difel.
- Burke, K. (1969). *A rhetoric of motives*. University of California Press.
- Crosswhite, J. (2013). *Deep rhetoric: philosophy, reason, violence, justice, wisdom*. The University of Chicago Press.
- Crosswhite, J. (2019). A fluid ideal: dialectical virtues and the possibility of debate. *Philosophy and Rhetoric*, 52(1), 56-62.
- Ducrot, O. (1988). *Polifonia e argumentación*. Universidad del Valle.
- Ducrot, O. (1991). *Dire et ne pas dire*. Hermann.
- Gadamer, H.-G. (1982). *L'Art de comprendre. Herméneutique et tradition philosophique*. Aubier-Montaigne.
- Goodwin, J. (2009). A argumentação não tem função. *Comunicação e Sociedade*, 16, 123-144. <https://doi.org/10.17231/comsoc.16>.
- Grossberg, L. (2010). *Cultural Studies in the future tense*. Duke University Press.
- Heidegger, M. (1976). *Achémement vers la parole*. Gallimard.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo*. Editora Vozes.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. The University Chicago Press.
- Mounier, P. (2018). *Les humanités numériques. Une histoire critique*. Éditions de la Maison des sciences de l'homme.
- Nicolas, L. (2018). A retórica: exercício e experiência da transgressão. In E. Piris & I. Azevedo (Org.), *Discurso e argumentação: fotografias disciplinares - Vol I*. Grácio Editor.
- Nicolas, L. (2015). L'épídictique: assise et pivot de l'édifice rhétorique. *RIFL*. RetSpe, 33-47
- Martins, M. L. (2015). Os estudos culturais como novas Humanidades. *Biblos*, (1), 3ª série, 79-109.
- Meyer, C. & Girke, F. (2011). *The rhetorical emergence of culture*. Berghahn Books.
- Meyer, M. (1998). *Questões de retórica: Linguagem, razão e sedução*. Edições 70.
- Nancy, J.-L. (2014). *À escuta*. Edições Chão da Feira.

Perelman, C. (1977), *L'empire rhétorique*. Paris.

Perelman, C. (1979). *The new rhetoric and the Humanities: Essays on rhetoric and its applications*. Kluwer Academic Publishers.

Quéré, L. (1992). *Des miroirs équivoques: aux origines de la communication*. Aubier.

Rorty, R. (1991). Feminism and Pragmatism. *Radical Philosophy* 59, 3-14. Disponível em https://www.radicalphilosophyarchive.com/issue-files/rp59_article1_feminismpragmatism_rorty.pdf

Ryan, M. (2010). *Cultural Studies. A practical introduction*. Wiley-Blackwell.